

Se essa rua fosse minha...

Mais que monumentos ou manifestações artísticas, os patrimônios históricos representam a memória coletiva da sociedade e sua ligação com o passado. A palavra "patrimônio" vem dos vocábulos pater (do latim, que significa chefe de família, ou antepassado, em um sentido mais amplo) e nomos (do grego, é um vocábulo que se refere às leis, usos e costumes relacionados à origem, tanto de uma família quanto de uma cidade), ou seja, a palavra remete ao legado dos nossos antepassados.

Apesar disso, nem tudo que vem do passado é considerado patrimônio. O principal critério para a escolha do tombamento é a relevância cultural do bem independente de sua natureza.

Segundo Cláudia Morrone, presidente do CONPPAC (Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Ribeirão Preto), "um patrimônio histórico não necessariamente precisa ser uma edificação, pode ser até uma fotografia, uma música, desde que represente um legado cultural".

Para ilustrar a afirmação, a presidente do conselho enfatiza que "uma das discussões atuais [do conselho] sobre o tombamento gira em torno da cultura dos negros e escravos do Brasil colonial, que deixaram um legado imaterial, pois não tinham dinheiro como os seus senhores para edificar e registrar suas crenças, portanto, o que ficou foram apenas memórias".

Memória, dita no dicionário Aurélio como "faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos", teve sua personificação muito bem representada na cultura grega por *Mnemosine*, a deusa da Memória.

Segundo o poeta Hesíodo (o mais antigo poeta grego que se tem alguma certeza de sua existência), em sua obra *Teogonia* (literalmente "nascimento dos deuses") relata que a deidade da reminiscência era onisciente: sabe "tudo aquilo que foi, tudo aquilo que é e tudo aquilo que será". A metáfora do poeta ilustra que memória é algo atemporal e coletivo (de todos), assim como a cultura, que por sua vez dispensou qualquer rótulo de manifestação (física, musical, etc.) para ser considerada patrimônio histórico. Basta sua relevância.

Patrimônio Imaterial

Após críticas por apenas valorizar patrimônios edificados (como aqueles dos senhores do engenho e coronéis), em 04 de Agosto do ano 2000 foi aprovado o Decreto Federal nº 3.551, instituindo o "Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro", ou seja, algo mais específico para lidar com os bens culturais imateriais, que desde as argu-



Marcelo Dias

Minha terra tem palmeiras...

mentações do poeta Mário de Andrade na década de 1930, vem pedindo atenção, mesmo que já houvesse uma legislação que possibilitasse tais ações sobre bens imateriais.

O registro desses bens é dividido em quatro categorias:

- Dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- Das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- Das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- Dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Preservação local

Em Ribeirão Preto, a regularização veio ano passado, quando a Câmara Municipal aprovou a Lei n.º 11.586 do dia 24 de março de 2008, que assim como a Federal, deu maior especificidade à questão dos bens culturais imateriais do Município. Além da regularização, a Lei delegou ao CONPPAC (Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Ribeirão Preto) a tarefa de cuidar dos projetos dessa natureza.

Criado em 1996 pela Lei 7521, o CONPPAC/RP é "um órgão colegiado (os participantes têm iguais poderes) encarregado de representar a comunidade e assessorar o Poder Público Municipal em

assuntos referentes à preservação do patrimônio cultural do município de Ribeirão Preto".

Formado como um dos braços da Secretaria da Cultura, o Conselho conta atualmente com 27 órgãos e entidades – doze a mais que em sua fundação. Esses integrantes (Ordem dos Advogados do Brasil – Ribeirão Preto, Academia de Letras e Artes de Ribeirão Preto e a Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto para citar alguns) são os responsáveis pela indicação dos membros integrantes do Conselho, que por sua vez atuam em caráter secundário. Em outras palavras, um integrante do CONPPAC não precisa abandonar seu trabalho para ser parte do Conselho.

O fato dos integrantes do CONPPAC não poderem se dedicar integralmente às tarefas, faz com que a população seja a principal aliada.

"Qualquer morador hoje pode protocolar um pedido de tombamento na Prefeitura, e assim que possível, faremos a avaliação do local com técnicos especializados que também fazem parte do conselho" conclui Cláudia Morrone.



Marcelo Dias

História cruzada.

Os Revolucionistas e as Imperiais

Dentre os principais patrimônios de Ribeirão Preto está a Avenida Nove de Julho. Fundada em 1922 sob o nome de 'Independência', ela passou a se chamar 'Nove de Julho' a partir de 1937 em homenagem à Revolução Constitucionalista de 1932 (o maior movimento cívico da história do Estado de São Paulo).

Ironia do destino ou não, a avenida com-

porta um fato inusitado como ressalta o historiador Alexandre Sumele: "A Rua Comandante Marcondes Salgado, referente ao Chefe da Força Pública Paulista que foi um dos principais personagens da Revolução Constitucionalista de 1932, é paralela à Avenida Presidente Vargas, ou seja, são duas ruas próximas que jamais se cruzam. O único ponto em comum com os dois endereços e os dois rivais é a Nove de Julho (a data e a avenida)".

Em 15 de julho de 2008, a avenida foi definitivamente tombada. Tornou-se patrimônio de Ribeirão Preto. E como todo patrimônio público tombado, o local deveria permanecer intocado, ou caso necessitasse, a reconstituição deveria ser fiel à original. Não foi o que aconteceu. Como mostrado na capa do Número Quatro deste jornal, taparam um buraco na avenida – feita de basalto – com asfalto, que como dito naquela edição, fica mais caro do que se feito com os paralelepípedos.

Importante local da cidade, a Avenida Jerônimo Gonçalves, que margeia o ribeirão que dá nome à nossa cidade, é outro importante patrimônio histórico que não precisa de decretos oficiais ou leis para ser considerado como tal. A dita oficialização não vem devido às discussões políticas acerca de vários problemas, dentre eles, a já famosa saga das palmeiras imperiais, que em alguns casos estão na sua sobrevivência, enquanto outras estão condenadas por cupins.

Outro problema são as enchentes, que obrigam a Prefeitura a discutir padrões de segurança, que em tese, obrigariam a modificação da paisagem arquitetônica do local para evitar que a avenida encha a cada chuva. Daí o fato de não ter um decreto que tombe

o lugar. A mudança visual do local, mesmo que por padrões de segurança e saneamento, seria uma desobediência legal.

Se depender das leis e discussões, a data de um Decreto Oficial de tombamento torna-se imprevisível. Em consulta ao Arquivo Público de Ribeirão Preto, constatou-se que o problema é de longa data. O primeiro (dentre vários) registro oficial data de 7 de janeiro de 1896, quando o Major Dr. Joaquim Estanislau da Silva Gusmão, propôs o "saneamento dos córregos, rasgando, retificando e alargando os leitos, aterramento das margens e saneamento dos extensos pântanos que circundam a cidade por meio de valetas e drenos que encaminham para os referidos córregos as águas estagnadas".

Música e memória. Em todos os sentidos esses são os temas desta edição. Resgatamos um assunto que só é notícia em dia de decreto no Diário Oficial: o patrimônio histórico e cultural.

Assim como a música, evoluímos (mesmo que o “Entrelinhas” conteste a tese da evolução musical com uma prova irrefutável que, mesmo na arte, há involução). Expandimos o jornal. Crescemos sem perder nossa memória.

Não nos esqueceremos do nosso propósito: Jornalismo. Se George Orwell, em seu trono do além, achou que iria sair de cena, se enganou. A expansão não foi só publicitária, foi de conteúdo também.

Inauguramos a coluna “Sinapse Oculta” com o biólogo (formado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP) e psicanalista Luis Fernando S. de Souza Pinto. O convite? Veio na interação leitor-jornal, onde houve interesse de ambas as partes, ou seja, o leitor tornou-se um dos geradores de conteúdo do jornal (algo imprescindível para o aumento da qualidade e relevância do jornalismo deste século).

Leonildo Trombela Junior e Marcelo Dias

CIDADE SILENCIOSA



Leonildo Trombela Junior

Eles se escondem atrás do poste.

ESQUIZOFRENIA ESCOLAR

Um garoto de aproximadamente 10 anos de idade dentro de um ônibus urbano sentado no lugar cativo dos idosos e deficientes.

Ônibus lotado e três senhoras em pé na frente do menino na esperança do guri se dar conta da indelicadeza que cometia naquele momento.

Eis que uma das - impacientes - senhoras diz:

- Ei garoto, você não está vendo o aviso escrito colado no vidro dizendo que esse lugar é para os velhos?

O garoto, cabisbaixo diz:

- Desculpa Dona, eu não sei ler, não sabia do aviso.

Após sentar em seu lugar de direito (cedido pelo gentil garoto), a Senhora indaga:

- Mas você não frequenta a escola?

O garoto rebate logo de cara:

- Frequento sim Senhora, é uma escola estadual...

Ficou um buraquinho aqui.

Expediente

Repórteres: Leonildo Trombela Junior • Marcelo Dias • Mariana Lellis Pizzi • Willian Rodrigues

Publicação: DIAS & TROMBELA LTDA - ME CNPJ: 10.714.794/0001-09

Redação: Rua Álvares Cabral, nº 469. Edifício Antônio Diederichsen, Sala 122 - Centro - Ribeirão Preto - SP

Contatos: Redação (16) 3289-0708 • Depto. Comercial (16) 3289-0709 • inconfidenciaribeirao@hotmail.com

Tiragem: 2000 exemplares. Gráfica Impressa

*As opiniões expressas em artigos e colunas assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

pergunteaumonge@inconfidenciaribeirao.com

GRANDE SÁBIO!

COMO PODEMOS EXPLICAR A OLHADELA DO OBAMA NA BUNDA DA BRASILEIRA DE 17 ANOS? SERÁ QUE A MICHELLE É UMA ESPÉCIE DE SUBPRIME E NÃO OFERECE GARANTIAS SUFICIENTES? (RAUL RAMOS)

TENHO UMA CURIOSIDADE. OS BRASILEIROS SÃO OS QUE MENOS POSSUEM HABITO DE LEITURA? E A POPULAÇÃO TEM UM GRANDE ACESSO AOS LIVROS?

OBRIGADAA. BEIJOSS =) (GABRIELA LELLIS PIZZI)

Primeiramente, devemos levar em conta nessa questão a valorização dos produtos nacionais. Obama nada mais fez do que demonstrar o interesse natural, denotada da clássica política externa dos EUA, na abundância das riquezas brasileiras. A carismática primeira-dama de Washington há muito deixou de ser uma simples subprime, já que ambos – ela e o marido – representam a salvação da Geopolítica do Século XXI, principalmente da desgastada imagem de seu país perante o resto do mundo. No entanto, não podemos nos esquecer da tendência dos presidentes democratas em realizar investimentos de risco para além das cercas da Casa Branca. Basta nos lembrarmos de John Kennedy e, mais recentemente, de Bill Clinton.

O vídeo completo da cena quase inócua Obama, pois a olhadela na direção da brasileira deu-se em uma fração de segundo enquanto ele auxiliava a jovem representante dos EUA a aproximar-se para a foto oficial. Um deslize, ou mesmo uma coincidência, diriam os mais afoitos defensores da honra do presidente pop. Ao seu lado, porém, outro líder mundial mostrou-se menos discreto. Com a mão na frente do rosto, mal contendo um sorriso maroto, Nicolas Sarkozy representava todo o apreço pelo intercâmbio cultural entre Brasil e França que vem sendo fomentado nos últimos anos. E olha que ele possui um fundo de garantia invejável, na forma de uma bela modelo italiana.

Querida Gabriela, a falta de hábito de leitura da população há décadas queima o nosso filme. Talvez o Brasil não seja o país com o menor hábito de leitura de todos, mas é inegável que estamos lá no final da lista. Consequentemente o acesso ao livro diminui cada vez mais. Bibliotecas não são inauguradas, porque não há quem frequentá-las. O preço do livro nas livrarias continua salgado, pois as tiragens são pequenas. E as editoras tem suas razões para isso, já que há poucas pessoas para consumir seus livros.

Por algum motivo obscuro, que atende ao interesse dos poucos que detém muito no país, nossa cultura do samba, futebol e novela não inclui a literatura como forma de entretenimento, menos ainda como formadora intelectual. Ou melhor, esse último aspecto é sim valorizado, mas existe um abismo cultural – alimentado pelos mesmos beneficiados mencionados acima – entre o brasileiro médio e o “doutor”, que estudou e lê com maior frequência. Sob esse ponto de vista, o brasileiro então não desenvolve o hábito da leitura por ser culturalmente “nivelado por baixo”. O galã e a mocinha da novela das 8 discutem animadamente sobre os livros que lêem, uma cena que é fruto direto dos esforços públicos e privados em incentivar a leitura entre as mentes cidadãs. Mas não veremos nenhum dos pitorescos personagens da periferia com um Machado de Assis nas mãos. Nem ao menos um Paulo Coelho.

Dúvidas existenciais? Pergunte ao Monge que ele responde! Qualquer coisa. Mesmo.

ENTRELINHAS

Música executada em uma rádio de Ribeirão Preto às 10 da manhã. (O fato foi constatado quando estávamos em uma lanchonete onde 40% dos frequentadores naquele momento eram crianças)

Cabecinha

BONDE DO TIGRÃO

<http://letras.terra.com.br/bonde-do-tigrao/1038803/>
(conteúdo impróprio para menores de 18 anos)

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!
16.3289.0709

para Edvard Munch

"O GRITO"

Cléa Carolina

Talvez venha do Infinito
O som bastante esquisito
Não de canto, mas de grito
Pedindo ajuda, aflito!

Virá ele donde habito?
Deste mundo de conflitos
Mascarados ou explícitos?
Seja o que for, admito

Que, como ouvi, acredito
Não ser algo a mim restrito
Chegando assim, gratuito...
Mas afirmar eu evito

E nada disso repito.

Rib. Preto, 15/12/006

HUMOR INCONFIDENTE

Ferreirinha



ARTIGO

Leonildo Trombela Junior

Disseminação cultural: Livro Livre

Imagine um 'Clube do Livro' onde qualquer um em qualquer lugar pode ser integrante. Um clube com mais de 700 mil usuários até agora em dezenas de países.

Esse clube existe. É o *BookCrossing*, que há 8 anos serve de ferramenta intermediária na disseminação cultural mundo afora. Ela surgiu em 2001, após seu criador Ron Hornbaker ter um insight ao ver a esposa visitar um site que rastreava máquinas fotográficas descartáveis que eram deixadas em lugares públicos a fim de compartilhar as fotos com estranhos.

A ferramenta já tem sua versão brasileira, é o Livro Livre. Segundo o próprio site (www.livrolivre.art.br), ele funciona da seguinte maneira:

"Para participar do Livro Livre o leitor deve seguir três passos bastante simples: Ler, Registrar e Libertar. Libertar um livro

é se desprender dele, deixar que ganhe o mundo e conquiste novos leitores. Ao colar uma etiqueta do Livro Livre em seu interior e deixá-lo em um bar, café, praça ou outro local público, é quase como se o leitor estivesse presenteando o livro com sua "carta de alforria", dando-lhe liberdade para conquistar e encantar outras mentes."

Se você quiser disseminar a cultura, e talvez usar o sistema como rede social, você precisa "libertar" seu livro.

Os livros participantes dessa ação contínua são identificados por uma etiqueta (disponível no site do Livro Livre) em seu interior que avisa ao leitor logo na primeira leitura: "Este livro não é um presente". A etiqueta traz ainda um código que, se digitado no site www.livrolivre.art.br, permite que o leitor adicione críticas e comentários ao banco de dados do Livro Livre.

Adaptado do blog <http://jornalismobarao.wordpress.com>

anuncie aqui!

16.3289.0709

PUBLICIDADE

Churrasco e Manga

É domingo de manhã. Você acorda e resolve que, a partir de agora, vai ser mais saudável. Não que você vá sair por aí comendo tofu a torto e a direito, mas aumentar a quantidade de frutas em seu cardápio não deve ser tão difícil. Aí, você vai para a cozinha e decide começar o dia com um belo suco natural. E quem te olha da fruteira? Aquela manga, que há uma semana descansa em paz entre duas ou três laranjas.

"De hoje ela não passa", você pensa. E, antes de sair para comprar os ingredientes do churrasco (afinal, dieta se começa na segunda... e essa reuniãozinha já estava marcada há muito tempo, também!), ela vai para o liquidificador e se transforma em um suco bem do gostoso! Mas e aí? Casca pro lixo? De jeito nenhum! Casca pra panela!

Geléia de casca de manga com erva-doce:

2 xíc. de casca de manga picada
1 saquinho de chá de erva-doce
1 L de água
¼ xíc. de açúcar

Pique a casca em tirinhas e leve ao fogo com a água e o saquinho de chá. Deixe ferver por aproximadamente 30 minutos. Se a manga estiver mais madura que a da foto, será por menos tempo. Quando a casca estiver bem macia, retire o saquinho de chá, leve o restante ao liquidificador e bata bem. Volte esse purê à panela e cozinhe com o açúcar até atingir o ponto de geléia (deve ser apenas por mais alguns minutos).

Sugiro usar o saquinho de erva-doce pois nem todo mundo gosta de morder aquelas sementinhas, mas se você gostar, pode retirá-lo apenas para bater no liquidificador, depois abrir o saquinho e colocar a erva-doce no purê já batido.



Outra idéia é ferver o caroço junto com a casca, no começo da receita. Isso vai acentuar o sabor de manga. E quanto mais madura ela estiver, menos açúcar você vai precisar usar, então vá colocando aos poucos.

Essa receita é rápida, em no máximo 40 minutos você tem sua geléia prontinha. E se você não for fazê-la logo que descascar a manga, pode congelar a casca e usá-la quando quiser. Isso é importante: não se esqueça de lavar bem a manga antes de descascá-la!

Essa geléia fica deliciosa para ser comida normalmente, como geléia mesmo. E, se você não contar, ninguém vai saber que foi feita com a casca, principalmente se ela estiver bem madurinha. Se não estiver, também não parece geléia de casca: parece que foi feito com manga verde. Mas o legal é contar, mesmo!



Agora, tente isso: misture algumas gotinhas de vinagre ou suco de limão, e... lembra daquele churrasco? Pois é: pegue um pedacinho de carne bem temperada, ou de uma linguiça apimentada, e coloque um pouquinho dessa geléia em cima. Hum... você vai começar a ver geléias com outros olhos!

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

Transporte Público-Privado

A cidade é um corpo vivo e, assim como os animais, possui artérias pelas quais corre o fluido que, transportando nutrientes e oxigenando as células, sustenta o funcionamento deste organismo. Se, por motivo qualquer, esse fluxo for interrompido, o corpo morre. A mobilidade urbana é o cerne (a parte central, fundamental) deste ciclo. Como transporte coletivo, ela deve ser assegurada pelo município, seja diretamente ou através de concessão, segundo o artigo 30, inciso V da Constituição Federal, uma vez que, além de ser fundamental para a continuação do processo ao qual se chama sistema, o transporte público e com qualidade é um direito como qualquer outro.

Em Ribeirão Preto, os serviços de transporte público coletivo são designados a três empresas permissionárias (que possuem permissão, mas não se tornam proprietários do bem): Transcorp, Turb e Rápido D' oeste, totalizando uma frota de aproximadamente 310 ônibus que atendem 112 linhas e mais 28 microônibus que operam o serviço "Leva e Traz". Juntos, garantem o transporte de cerca de 170 mil pessoas por dia útil.

Em pesquisa realizada pelos principais pontos do centro cidade, ficou nítida a desaprovção dos usuários do serviço com as condições sob as quais são transportados du-

rante a rotina diária. As queixas seguem um senso comum: a carência no cumprimento dos horários previstos; a espera de cerca 40 minutos ou até mais nos pontos de parada, dependendo da linha. A superlotação, visto que alguns veículos, como um encontrado da linha 707 Jardim Procópio, da Transcorp, nem mesmo possuem limite de lotação. É apresentada uma placa especificando número de passageiros sentados e um "branco" no local no qual supostamente deveria ser indicado o número de passageiros em pé. Quando questionado sobre o assunto, o gerente de transporte coletivo da TRANSERP, Reynaldo Lapati, afirmou desconhecer o fato e prometeu averiguar.

A tarifa da passagem é, atualmente, de R\$ 2,30, preço considerado absurdo na opinião da maioria dos passageiros, se levadas em consideração as condições ditas anteriormente. Como diz o aposentado Faustinho, "O serviço prestado não vale pelo valor cobrado". Segundo Lapati, além do aumento de 6% no salário dos funcionários, Ribeirão gaba-se por ter a frota mais nova do país, o que acarreta em mais gastos e justifica o reajuste proposto pelas empresas.

Além dos motivos citados, Lapati afirma ainda que a prefeitura não oferece subsídios para que o valor da passagem seja fixado sem necessidade de reajustes, diferentemente de cidades como São Paulo e

Curitiba. "O IPK (Índice de Passageiros por Quilômetro) vem diminuindo em Ribeirão Preto, baixando a produtividade

e, consequentemente, levando à necessidade de aumento da tarifa" diz o gerente. Você concorda?

Leonildo Trombela Junior



O preço subindo.

SINAPSE OCULTA

Greve na USP: Quando as bombas não doem

As universidades públicas no Brasil têm um cheiro de passado para mim. Assim que passei no vestibular, imaginava um local onde os intelectuais se formavam, onde as artes inflamavam as relações humanas e um local com pessoas interessantes. Assim, um novo país se formaria baseado na busca da verdade e do questionamento científico.

Engano meu. Minha disposição para ingressar em uma universidade pública se deparou com um cenário avassalador. O mesmo tipo de gente que frequentava a escola, o terceiro colegial, estava lá, na USP. Não houve grande mudança. E as pessoas, as conversas, as roupas, o jeito de falar, as festinhas universitárias eram exatamente as mesmas que das universidades particulares. Assim, aprendi desde cedo que eu possuía em mim um fantasma, uma idéia primitiva e passada, uma idealização do que seria uma universidade para mim. E creio que esse fantasma também esteja bastante presente em funcionários, alunos e professores das universidades públicas.

A greve atual (2009), mais uma vez é justa em seu pressuposto, mas como sempre, aquele "fantasmilha camarada" vem cutucar os manifestantes como se dissesse: "Olha lá! Eles estão jogando bombas em você! Você não vai fazer nada? Lembra da ditadura militar? Você vai ficar parado?". Agora, pense nesse fantasma coletivamente, soprando essas palavras dentro da cabeça de cada manifestante. É claro que os pacíficos manifestantes entraram em confronto com a PM, como mostrou a mídia. Penso que a greve é um direito do trabalhador, mas a vejo como uma ferramenta ultrapassada. Como apertar parafuso com uma faca: dá certo, mas seria melhor uma chave de fenda.

A faca

A faca seria um desses métodos arcaicos, como uma greve, que por constituir um

direito do trabalhador, acaba sendo confundido como o único método para fazer valer as exigências da classe. Mas será mesmo a greve a única maneira de gritar e exigir reconhecimento e aumentos salariais? Seriam as bombas a única maneira de revidar as bombas dos policiais?

A chave de fenda

Experimente fazer isso. Pergunte para o povo que se engalfinha nos ônibus e que anda apressado nas ruas, que ganha perto de um salário mínimo (maioria da população) se eles sabem o que é a USP. Creio que terá respostas interessantes. Uma vez, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP), uma senhora me perguntou se ali era a faculdade. Eu, embora interiorano, respondi com autoridade:

- Aqui é a faculdade de direito.

A senhora pensou um pouco e disse:

- "Mas quanto paga pra entrar aqui?"

- Nada, aqui é uma faculdade pública.

A senhora fez uma cara de interrogação e então percebi que não entendia o que era essa tal de... "Pública", então, acrescentei:

- Todo final de ano tem vestibular, aí a senhora faz a inscrição, faz a prova e estuda aqui. Tudo grátis!

Dessa vez fui ao ponto, acho; mas ela disse:

- "Ahhh... Sabe, é pro meu sobrinho..."

Então pensei, que a USP, as universidades públicas de maneira geral, são desconhecidas por uma boa parcela da população e que eu fazia parte de um minoria privilegiada neste país torto.

A Solução: a chave de fenda seria a divulgação em massa de tudo que se produz nas universidades, trazendo o Brasil para dentro das universidades, de diversas maneiras, para que elas passem a ser realmente prestadoras de serviços à população e não um poleiro arcaico de pombas gordas e preguiçosas. Que a carapuça sirva!

anuncie aqui!

16.3289.0709

Luis Fernando S. de Souza Pinto é biólogo, psicanalista e faz parte do Grupo Verde (grupo de divulgação e popularização da ciência).
email: luisfernandosp@gmail.com / blog: www.sinapseoculta.blogspot.com

A REGÊNCIA DAS CORDAS

Sensibilidade à flor da pele. O músico, principalmente o clássico, vive assim. A música não é momento, é realidade a cada instante. A elaboração e o apuro para se executar este tipo de som ultrapassa os sentidos. Impossível ser indiferente quando as primeiras notas de uma orquestra ecoa pelos ares. Pode-se dizer o mesmo das palavras do professor e músico Milton F. Bergo. Sinceras e sensíveis. A cultura pede socorro aos berros, mas agoniza em silêncio. Até agora.

De onde veio o gosto pela música?

Bom, eu sempre gostei de música, tanto erudita quanto popular. Em especial o tango, que sou fanático desde os 8 anos de idade. E eu ouvia, na orquestra típica de tango, o violino. E ele me chamava muito a atenção. Ganhei um da minha Vó e passei a estudar sozinho, totalmente empírico. E com 10 anos eu comecei com professor.

A sua formação é única e exclusivamente da música ou teve alguma outra?

Não, eu tenho formação musical. Apesar de em algum momento da vida eu ter pensado em estudar Direito, adoro Literatura, Filosofia. Mas minha formação musical é prática, não tem faculdade. Eu tenho curso de extensão universitária.

Como foi o enlace com a Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto?

Em 1980 quando o então maestro titular da época, Lutero Rodrigues, estava saindo para a Alemanha e estava assumindo o maestro Marcos Pupo Nogueira. Foi por indicação do meu professor, o falecido Orlando Bernardes. Meu primeiro concerto foi na esplanada do Pedro II com a abertura de 1812 de Tchaikovsky, sob a regência do Maestro Isaac Karabtchevsky. Na minha opinião, um dos maiores maestros do Brasil. A partir daí eu evolui mediante concursos. Até então a orquestra tinha uma posição semiprofissional, praticamente amadora. Depois ela atingiu um patamar semiprofissional, e cheguei a spalla. Spalla seria o primeiro violino, violino principal. Durante quatorze anos me mantive nessa posição, até o ocorrido anos atrás com as demissões em massa com essa nova diretoria que está aí até hoje.

Isso foi na década de 90?

Esta profissionalização foi no final da década de 90 com a vinda do maestro Roberto Minczuck. Quando ele chegou foi quase efetivo a profissionalização.

Pode-se falar que foi o ápice da orquestra sinfônica?

É, tecnicamente foi. Em matéria de direitos trabalhistas e convivência profissional talvez tenha sido.

Existiam os músicos búlgaros?

Sim, os búlgaros vieram em 1996, movimentaram a orquestra. Eles chegaram e houve uma semiprofissionalização onde todos os músicos foram registrados. Eles tinham uma diferenciação salarial, isso incomodou por algum tempo, visto que não eram muito superiores. Tinham uma experiência musical muito boa, vinham da Europa. Alguns até eram muito bons, mais não tinham o status de professores, não tinham uma bagagem tão grande para chegar como professores que era a intenção da orquestra na época. Mas eles se tornaram companheiros de luta, companheiros de orquestra.

Eles eram mais conscientes?

Sim, porque eles viviam a situação profissional já antiga lá na Europa e alguns até já tocaram na The Sofia National Opera da Bulgária, durante trinta anos uma orquestra de ópera famosa, mas eles já foram embora de Ribeirão. Voltaram pra Alemanha,

pros Estados Unidos, alguns voltaram pra Bulgária, outros foram pra Manaus. Naquela época a orquestra de Manaus pagava muito bem e até hoje é uma orquestra que paga muito, mas fica meio fora da rota.

Nessa época os músicos davam aulas para pessoas carentes certo?

Nessa época sim, mas a escola é de muito antes.

Era bem anterior?

Desde a época da saudosa Dona Diva Lopes de Carvalho, que era uma pianista de formação internacional. Tive aulas com ela de teoria, harmonia. Chamava Escolinha da Orquestra, na época da década de 80. Essa escolinha servia como um propedêutico (ensino básico de uma disciplina) para o aluno



Nossa redação é humilde, mas a música é de primeira.

iniciar e depois chegar à orquestra. Em 1983 nós começamos a participar em Tatuí dos encontros de orquestras, e Ribeirão Preto foi considerada uma surpresa. Era uma época em que orquestras jovens eram celeiros para os músicos galgarem (buscar) postos para as orquestras tradicionais. A Venezuela possui tais projetos, tem grandes orquestras e todos os músicos das orquestras profissionais se originam destes grupos jovens. Nessa época, Tatuí era o ponto nevrálgico onde ocorriam todas as ações didático-pedagógicas e de encontros das orquestras jovens do estado de São Paulo.

Isso acabou na orquestra?

Acabou, foi de 1984 a 1993. A orquestra jovem de Ribeirão tinha um resultado muito excepcional porque era uma orquestra pequena, de câmara, doze, quinze pessoas e todo mundo estava em plena atividade profissional. Esses jovens eram muito bem vistos pela orquestra profissional e a orquestra jovem era a menina dos olhos da instituição.

Mas a escolinha continuou ou acabou nesse período?

Como você disse, os búlgaros deram aulas nessa escola, mas a intenção não era mais a mesma. O último resquício de orquestra jovem que se tentou foi abafada, porque usaram para apresentar. Inclusive a orquestra profissional foi usada para situações indevidas, como casamentos. Contratar o músico da orquestra tudo bem, mas a entidade em si, não.

Ou seja, você pode contratar um músico da orquestra, mas não a orquestra pra ir lá?

E o mais grave ainda é que o músico vai e não ganha nenhuma remuneração a parte.

E o desligamento, como ocorreu depois de um casamento tão bem sucedido?

Quando chegou o último maestro, o Cláudio Cruz, eu até então estava atuando na fila, ou

pelo arquivista. A pessoa responsável pela diretoria da época nem se importou ou veio falar comigo.

Depois de quantos anos de casa?

25 anos. Depois dessa demissão, dos que tinham uma posição política, foi uma onda, uma após a outra. Demitiram o maestro assistente por motivo fútil e os poucos direitos que conquistamos nos cinco, seis anos foram renegados. Voltou-se à estaca zero nos direitos trabalhistas.

Dentro da Orquestra, os músicos que estão lá, eles não fazem nada por quê?

Porque a grande maioria é estagiário. Ganham quase um terço do salário, quase metade para fazer a função de profissionais.

Eles são contratados sob o regime de estágio? Alguns tem CLT (Carteira de Trabalho), mas a maioria não tem registro integral na carteira, estão sob o regime de estágio. E os poucos profissionais que restaram perderam a força. Porque a força da Orquestra vem da Comissão da Orquestra que trabalha junto com o spalla. E se o maestro tomar qualquer atitude que contrariar os músicos, a orquestra sai. Tem um fato no Rio de Janeiro, uma praça musical muito consciente, sindicalizada. Um maestro alemão desrespeitou o naipe de violoncelos, e o spalla dos violoncelos se retirou. Maestro convidado, veja bem! Diante disso ele se retratou, pediu desculpas, porque tinha sido realmente grosso, desrespeitoso para com o naipe. Claro que a exigência e a rigidez tem que haver em qualquer posto de autoridade, mas a rigidez com doçura. Sem nenhum tipo de ditadura.

Você tem alguma esperança que as coisas mudem na sociedade musical da orquestra de Ribeirão Preto ou acabou?

Eu só tenho uma esperança, uma mudança radical. Das bases, uma nova diretoria.

As pessoas que conduzem hoje a orquestra são músicos?

Não, houve uma época que sim, inclusive eu fui diretor. Mas depois de uma reforma do estatuto, foi vetada a participação dos músicos na diretoria ou no conselho.

Pode-se dizer que faltou um pouco de inteligência musical à diretoria?

A Filarmônica de Berlim é dirigida pelo músico, a Fundação Filarmônica. É claro que não dá para se pensar no Brasil, com nossa situação, um músico dirigir uma orquestra. Precisa de profissionais para gerir a área musical. Isso eu vejo pelo João Carlos Martins da Bachiana Filarmônica que é músico da orquestra e eles tem participação só na área musical. Na área burocrática, administrativa, quem gere é a Fundação Bachiana que são burocratas profissionais. Só que tem que ser profissional da área. Eu não sou contra que a pessoa não seja músico, mas ele tem que saber com o que ele está lidando. Com músicos, artistas, quem tem uma sensibilidade, uma formação humanística diferenciada. É uma outra relação humana.

Do que você sente mais saudade?

Eu gosto muito da orquestra sinfônica, adoro. Inclusive eu agora vou pra Belém tocar com uma. Apesar de existir, como se diz, um ditador que é o maestro. Mas hoje em dia essa visão está mudando. O maestro é apenas um músico. A orquestra sinfônica é um organismo democrático. É uma micro sociedade, uma micro empresa mesmo, que trabalha em parceria. Eu sinto saudade dos amigos que deixei. E que já não estão nesta. Alguns já deixaram antes desse processo todo. Na verdade não é saudade, é um pesar por Ribeirão Preto mais uma vez ser gerida nessa área por pessoas que não tem um mínimo de competência e ética para cuidar dessa área.

anuncie aqui!

16.3289.0709

PUBLICIDADE

PROCESSO SELETIVO JUNHO/JULHO 2009

INSCRIÇÕES ABERTAS VOCÊ É O QUE VOCÊ FAZ.

CURSOS SUPERIORES E GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA EM **2 ANOS**

INFORMAÇÕES:
WWW.BARAODEMAUA.BR
0800 18 35 66



Barão de Mauá
UNIVERSIDADE
R. Barão de Mauá - SP

anuncie aqui!

16.3289.0709